

Como reconhecer os monstros cotidianos? Aprenda os sinais, aja cedo!

Marcos Allan da Silva Linhares¹

Sílvia Nogueira Chaves²

Resumo: Essa pesquisa analisa como a escola cria uma “receita” de aluno dito anormal a partir da adoção de cartilhas e materiais que nelas circulam, em práticas de formações de professores em associações de pais e de outras instituições que lidam com pessoas ditas especiais. Para a análise da empiria são acionadas algumas ferramentas analíticas da produção teórica de Michel Foucault, principalmente aquelas relacionadas com conceitos como: discurso, enunciado e práticas de dispersão. Tais conceitos são movimentados, por se considerar que os discursos para além de simples textos publicados tomam forma em práticas que instituem modos de agir e de ser sujeito em sociedade. Os resultados apontam que por meio de enunciados que se repetem e distribuem nessas e em outras diferentes materialidades são produzidos verdadeiro protocolos de identificação, catalogação e tratamento das condutas dos ditos anormais, instituindo práticas sobre o corpo e a vida desses personagens.

Palavras chave: Educação em Ciências, Educação Especial, Anormalidade, discurso, Produção de subjetividade.

1 Mestrando do curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/ IEMCI), da Universidade Federal do Pará – UFPA, marcosallan.18@gmail.com;

2 Docente da Universidade Federal do Pará – UFPA, pelo Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), schaves@ufpa.br.

Que comece o show!

“Ninguém pode ser autenticamente humano, enquanto impede outros de serem também”. (Paulo Freire)

O espetáculo vai começar. As luzes se acendem anunciando o começo do show. A plateia anseia por ver as atrações da noite: os anormais de Barnum³, famoso showman que construiu sua carreira expondo sujeitos ditos “anormais”. Em seu critério, quanto mais exótico e peculiar à pessoa, mais interessante ela seria para chamar a atenção de seu público: mulher barbada, albinos, negros, anões, gêmeos siameses, o lugar de sujeito da pessoa anormal era ocupado por diferentes pessoas que ofereciam cada uma, especificidades e características que lhes eram próprias.

Os anormais⁴ seriam aqueles que, segundo Foucault (2001), a partir de sua existência mesma, romperiam com todas as leis da sociedade e da natureza, é o que o autor chama de “monstro humano”, ou seja, todos aqueles sujeitos que estão fora da curva normal, os que não são “esperados” pela sociedade e, conseqüentemente, os que são excluídos. Esse objeto da anormalidade não está fundado num único horizonte, mas vem se tornando recorrente, “regular na irregularidade” como fala Foucault. Se antes os anormais de Barnum era aqueles acima citados, quais são hoje os anormais-monstros cotidianos? Quem são os “novos” protagonistas do show de Barnum?

Hoje os ditos anormais vêm ganhando espaço na sociedade de maneira geral, diversas ações como a criação de leis, disciplinas específicas da área na formação de professores, a modificação e avanço dos direitos das pessoas com deficiências vem sendo criadas para atender as “necessidades especiais” desses sujeitos. Seguindo essa onda, as políticas educacionais também vêm passando por reformulações, sejam nos projetos políticos pedagógicos, nos documentos legais que regem a educação básica nacional ou na formação continuada de professores, um arsenal de modificações e

3 Personagem principal do filme “O Rei do Show”, dirigido por Michael Gracey, 2017.

4 Utilizamos o conceito de “anormalidade” na perspectiva foucaultiana para falar de todos os sujeitos que borram os limites da natureza, que são, como diz o autor, a combinação do impossível com o proibido. Assim, nos apropriamos desse conceito para dizer de todos esses indivíduos que fogem à norma, que não estão nos “padrões normais” e que são considerados “diferentes” em diversos lugares da sociedade.

mudanças vem chegando às escolas em nome da inclusão e de uma educação dita especial.

É nessa reformulação de documentos e legislações atuais que outros monstros vêm sendo “expostos” e “reconhecidos”, o que chamamos “monstros atuais”, ou seja, aqueles sujeitos que agora se encaixam na categoria dos anormais, dos irregulares ou especiais. São essas leis e materiais didáticos que trazem uma nova responsabilidade para o docente que está dia a dia em sala de aula, realizar o que chamamos de **“Reconhecimento de Barnum”**, ou seja, reconhecer os anormais, assim como Barnum fez em sua história, mas dessa vez anormais que vivem nas escolas e em suas aulas para que ao serem reconhecidos possam ser controlados e incluídos.

Agora não somente os médicos, mas, também, os professores assumem essa tarefa de diagnosticar, acompanhar e até laudar os alunos-monstros atuais. A escola se tornou uma filial dos hospitais. Misturados com planos de aula e livros, os professores, agora, também precisam estar munidos de acompanhamentos, relatórios e fichas para quando surgirem os primeiros sinais de alguma anormalidade em sala de aula.

Como nos diz Lockmann (2014), os currículos não estão sendo mais pensados a partir dos conhecimentos escolares, mas de outros aspectos da vida cotidiana dos estudantes, tornando a aprendizagem e a prática escolar não mais voltada para os assuntos escolares, mas nos modos de vida, em como os sujeitos são capazes de governar a si mesmos e como conduzem sua maneira de aprender na escola.

Para auxiliarem nesses diagnósticos, materiais didáticos e cartilhas voltadas à formação de professores vem sendo criadas e distribuídas por instituições importantes como o Ministério de Educação (MEC) e diversas associações brasileiras de pessoas com necessidades especiais como a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), fornecendo um passo a passo para reconhecer os monstros atuais nas salas de aula e nas escolas, apoiando e dando suporte para que os profissionais possam aprender a lidar com esses alunos e como agir caso encontrem alguns desses sujeitos ao longo de sua prática.

Pensando nessas questões que esse artigo tem como objetivo analisar como a escola vem criando uma “receita” de um aluno dito anormal a partir da adoção dos materiais citados acima (cartilhas, livros, materiais educativos), lançando mão de um longo e pretensível protocolo em que passam a dar conta da vida e das particularidades de seus alunos. Dessa forma, investigam-se como esses materiais criam um sujeito dito anormal, inventando formas e pistas de identifica-los e cataloga-los.

Caminhos metodológicos...

Nesta pesquisa toma-se como *corpus* de análise cartilhas e materiais didáticos que circulam nas escolas, em práticas de formações de professores e que também são distribuídas por associações a pais e outros sujeitos que estão próximos de pessoas ditas especiais. Nesses materiais investiga-se como esses discursos acerca do sujeito anormal instituem um “protocolo” de reconhecimento desses sujeitos, conduzindo o usuário a adotar práticas e produzir diagnósticos sobre o corpo e conseqüentemente, a vida desses personagens.

Para a análise desses discursos são acionadas algumas ferramentas analíticas da produção teórica de Michel Foucault, principalmente aquelas relacionadas com conceitos como discurso, enunciado e práticas de dispersão discursiva em outras materialidades. Tais conceitos são movimentados, por se considerar que os discursos para além de simples textos publicados em alguma materialidade, tomam forma em práticas que instituem modos de agir e de ser sujeito em sociedade.

Dessa forma esses discursos se tornam práticas dentro da escola, nas salas de aula e em formas de governo de si mesmos e das pessoas que vivem no ambiente escolar. Como nos diz Foucault (2007), tornando-se práticas, esses discursos passam a formar os objetos de que falam, neste caso os “anormais”, não a partir de signos simples, mas valendo-se dessas práticas para reger e controlar esses mesmos objetos.

Assim, ainda seguindo os pensamentos de Foucault (1997), considera-se que os discursos não são simplesmente um entrecruzamento de palavras e coisas, mas passam a ganhar corpo em conjuntos técnicos (como as coleções de cartilhas), esquemas de comportamento (como os “protocolos” de reconhecimento de alunos ditos anormais), instituições (como as escolas que adotam esses materiais), enfim, passam a ser difundidos em diversas formas pedagógicas que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm.

Assim, ao trabalhar com a análise discursiva, é possível ver se desmontarem esse entrecruzamento entre as palavras e as coisas, mostrando todo um conjunto de regras próprias da prática discursiva e dos pequenos enunciados que compõem e produzem esse discurso maior acerca dos alunos-anormais.

Um checklist, um diagnóstico.

Com a ascensão do discurso inclusivo, as escolas têm investindo exponencialmente na aquisição de profissionais especializados, materiais adaptados e nas estruturas apropriadas para o acolhimento dos alunos ditos “diferentes”. Essas ações têm respingado também na formação dos professores, tanto inicial como continuada, uma vez que são esses profissionais que estarão em contato com os alunos e, supostamente, poderão de forma precoce e rápida, identificar os primeiros sinais para uma possível “diagnose” do educando.

Problematiza-se nesse artigo justamente essa “identificação”, muito detalhada, em alguns capítulos dedicados ao reconhecimento e ao controle dessas “patologias” que chegam à escola. Constrói-se nesses materiais um longo e cansativo checklist, por meio do qual se passa a detectar esses ‘anormais escolares’, seus sintomas, dificuldades e atrasos. Dessa maneira procura-se “otimizar a identificação do atraso [...], permitindo instituir, precocemente, ações e intervenções adequadas”⁵.

Figura 1: Marcos a serem alcançados e ações a serem tomadas caso estes não sejam atingidos.

Seu bebê aos 2 meses

Nome da criança _____

Idade da criança _____

Data de hoje _____



A maneira como seu filho brinca, aprende, fala, age e se movimenta oferece indicações importantes sobre o seu desenvolvimento. Os marcos do desenvolvimento são as coisas que a maioria das crianças consegue fazer em uma determinada idade.

Verifique os marcos que seu filho alcançou ao final dos 2 meses. Passe essas informações ao pediatra em todas as consultas e converse com ele sobre os marcos alcançados por seu filho, e o que esperar no futuro.

O que a maioria dos bebês faz nesta idade:

Social/Emocional

- Começa a sorrir para as pessoas
- Consegue se acalmar rapidamente (pode levar as mãos à boca e chupar a mão)
- Tenta olhar para os pais

Linguagem/Comunicação

- Começa a fazer barulhos e gorgolejar
- Vira a cabeça em direção aos sons

Cognitivo (aprendizado, pensamento, resolução de problemas)

- Presta atenção a rostos
- Começa a seguir objetos com os olhos e reconhece as pessoas de longe
- Começa a ficar entediado (chora, fica inquieto) se a atividade não muda

Movimento/Desenvolvimento físico

- Consegue manter a cabeça elevada e começa a erguer o tronco quando está de bruços
- Faz movimentos mais suaves com os braços e as pernas

Aja cedo! Converse com o pediatra de seu filho se ele:

- Não responde a sons altos
- Não observa o movimento das coisas
- Não sorri para as pessoas
- Não leva as mãos à boca
- Não consegue manter a cabeça erguida ao elevar o tronco quando está de bruços

Comunique ao pediatra ou à enfermeira de seu filho se observar algum destes sinais de possível atraso de desenvolvimento para esta idade, e converse com alguém em sua comunidade que esteja familiarizado com serviços para crianças pequenas em sua área, como o programa público de intervenção precoce do seu estado. Para mais informações, acesse www.cdc.gov/Concerned ou ligue para 1-800-232-4636.

Adapted from CARING FOR YOUR BABY AND YOUNG CHILD: BIRTH TO AGE 5, 5th Edition, edited by Sharon Straker and Teresa Hunter-Attaway © 1991, 1998, 2004, 2009 by the American Academy of Pediatrics and PEDIATRIC FITNESS GUIDELINES FOR HEALTH SUPERVISION OF INFANTS, CHILDREN, AND ADOLESCENTS, Third Edition, edited by Joseph Pagan, Jr., Judith S. Shaw, and Paula M. Daniels, 2005. See www.aap.org, American Academy of Pediatrics. This information checked is not a substitute for a standardized, validated developmental screening tool.

Fonte: Sociedade Brasileira de Neurologia Infantil, 2019.

5 Sociedade Brasileira de Neurologia Infantil. **Aprenda os sinais. Aja cedo.** Disponível em: https://sbni.org.br/wp-content/uploads/2019/09/1568137484_livreto_alta.pdf, 2019.

A vigilância e o cuidado devem ser constantes no reconhecimento de um sujeito anormal, na cartilha da figura 1 o indivíduo começa a ser vigiado e governado desde os seus 02 meses. Todos os seus aspectos são analisados: social, emocional, linguagem, cognição, desenvolvimento físico. Caso não preencha todas as lacunas para o que a maioria dos bebês faz nesta idade, outros critérios precisam ser revistos e caso os sintomas permaneçam, um especialista precisa ser procurado. O próprio título da cartilha já anuncia em sua capa: **"Aprenda os sinais. Aja cedo!"**.

Isto é o que Foucault (1979) chamava de Governo, ou seja, um governo dos outros que, diferente do século XVI, não está mais centrado na família, mas agora na população, nos indivíduos, seja para aumentar sua sorte, sua duração e qualidade de vida, em outras palavras, passa-se agora a exercer esse governo dos outros a partir de campanhas e técnicas que vão agir sobre essa população, produzindo suas posições e atitudes sem que os próprios sujeitos percebam.

Que tipos de alunos vão sendo produzidos na medida em que esses "quesitos" são preenchidos e para, além disso, quais racionalidades nós estamos ofuscando na padronização desses parâmetros e sintomas "patológicos" descritos nesses capítulos? Seguindo a linha do material anterior, a figura 2 também mostra como esse reconhecimento deve funcionar, evidenciando os aspectos que devem ser detectados para se identificar uma criança diferente.

Figura 2: Capítulo dedicado ao reconhecimento de uma criança “especial”.

1. Como reconhecer uma criança com necessidades educacionais especiais por apresentar autismo

Se você é um professor e encontrar uma criança com esse tipo de necessidades educacionais especiais em sua sala, com certeza ela não vai lhe passar despercebida. Provavelmente você não saberá que ela é portadora de autismo, mas com certeza perceberá que se trata de uma criança diferente.

Entre as coisas diferentes que você poderá perceber nessa criança de aparência física muito provavelmente normal estão:

1. Ausência de linguagem verbal, ou linguagem verbal pobre.
2. Ecolalia imediata (repetição do que outras pessoas acabaram de falar) ou ecolalia tardia (repetição do que outras pessoas falaram há algum tempo, repetição de comerciais de TV, de falas de filmes ou novelas etc.).
3. Hiperatividade, ou seja, constante agitação e movimento (ocorre em um grande número de crianças) ou extrema passividade (ocorre em um menor número de crianças).
4. Contato visual deficiente, ou seja, a criança raramente olha nos olhos do professor, dos pais ou de outras crianças.
5. Comunicação receptiva deficiente, ou seja, a criança apresenta grandes dificuldades em compreender o que lhe é dito, não obedece a ordens nem mesmo simples e muitas vezes não atende quando chamada pelo nome.
6. Problemas de atenção e concentração.
7. Ausência de interação social, ou seja, a criança não brinca com outras crianças, não procura consolo quando se machuca e parece ignorar os outros. Pode rir ou chorar, mas sempre dando a impressão de que isso diz respeito apenas a ela mesma.
8. Mudanças de humor sem causa aparente.
9. Usar adultos como ferramentas, como levar um adulto pela mão e colocar a mão do adulto na maçaneta da porta para que a abra.
10. Ausência de interesse por materiais ou atividades da sala de aula.
11. Interesse obsessivo por um determinado objeto ou tipo de objetos, por exemplo, a criança pode ter obsessão por cordões de sapatos, palitos de dente, tampinhas de refrigerante etc.
12. Eventualmente uma criança com autismo pode aprender a ler sozinha antes dos quatro anos sem que ninguém tenha percebido como isso ocorreu.

É improvável que todas estas características apareçam ao mesmo tempo.

O que é fundamental que seja compreendido é que não estamos falando a respeito de um quadro muito bem definido e que, uma vez localizado em uma criança, teremos como consequência imediata um prognóstico.

Fonte: Ministério da Educação, 2003.

Importa olhar para esses textos, assim como Foucault (1984), não simplesmente como textos prescritivos, mas como textos produtivos, textos que instituem práticas, uma vez que sendo lidos, operam de modo a constituir a armadura da conduta cotidiana que enquadra modos de ser. Dessa forma, independente de como aparecem, esses textos propõem regras de conduta, que ora devem ser analisadas e vigiadas (Fig.2), ora devem ser esperadas e alcançadas (Fig.1).

Esses textos funcionam como dispositivos instaurando “verdades que classificam, aprovam ou reprovam as crianças e também seus grupos sociais” (Corazza, p.49, 1995), tornando-se pedagogias culturais de regulação moral, que constitui e transforma as vivências dos ditos sujeitos-anormais na escola.

Dessa forma, junto com esses protocolos vai se enxergando a diferença, mas não deixamos que ela flua, temos nos empenhado em reconduzir as ações e práticas dos nossos alunos nos fluxos da mesmidade, como diz Lockmann (2012), limitando os espaços escolares para pensar algo para além do mesmo, reconduzindo práticas e ações, despreparadas para trilhar e experimentar rotas inusitadas e inesperadas no cotidiano da escola.

Para, além disso, outras materialidades também se empenham em descrever caminhos para o reconhecimento desses sujeitos, outros espaços que se dedicam a formar e capacitar pessoas para o diagnóstico e prescrição precoce dos sujeitos anormais. Isso é o que Foucault (2007) chamava de dispersão dos discursos, ou seja, uma regularidade, uma ordem de aparecimentos sucessivos do mesmo discurso em diferentes materialidades, isto seria uma dispersão discursiva, a pulverização dos mesmos enunciados em outros lugares.

Isso acontece muito em sites e domínios da internet, que lançam a todo o momento “receitas” e prescrições para as “patologias” que aparecem na escola; dados que estão na palma das mãos e que podem ser lidos e relidos em qualquer momento do dia.

Figura 3: Matéria “Como o professor pode ajudar a identificar transtornos?”.

Dificuldades na escrita

- Escrita inconsistente e por vezes ilegível;
- Incapacidade em permanecer nas linhas e margens do caderno;
- Palavras u letras inacabadas; erros de soletração e omissões de palavras;
- Dificuldade na motricidade fina;
- Lentidão na escrita ou escrita muito acelerada e imprecisa;
- Nível de comunicação da escrita muito além à comunicação verbal;
- Forma incomum de pegar no lápis ou de se posicionar ao escrever;
- Relutância em realizar tarefas escritas;
- Dificuldade em organizar as informações ao escrever;
- Erros ortográficos frequentes quando isso não é mais esperado;

Disponível em: <https://www.pearsonclinical.com.br/blog/2017/educacao/como-o-professor-pode-ajudar-a-identificar-transtornos-de-aprendizagem-em-sala-de-aula/>, 2017.

Na baila desses protocolos, os professores e as escolas “tem um papel crucial na identificação” desses transtornos, se tornando os personagens principais no diagnóstico precoce e no encaminhamento para profissionais especializados. Nesse rumo, todo um novo saber foi criado para atender esses sujeitos: áreas como a psicopedagogia surgem nesse cenário com a proposta de unir as áreas *psi* ao cotidiano escolar, leis garantem a presença de psicólogos e a circulação de fichas diagnósticas nas escolas, dias são dedicados a atividades de conscientização e socialização de saberes acerca dessas “doenças”.

Assim, esse discurso que inventa e produz um sujeito dito “anormal-diferente” vem sendo formado e pulverizado nas mais diversas instituições, da família a escola, os ditos anormais não conseguem mais viver suas racionalidades, estão a todo o momento sendo reconhecidos, catalogados, diagnosticados e medicados, sempre entrando nessa ordem, na ordem do discurso.

Inventando outro show.

Mas afinal, que relação tudo isso tem com a escola e com o ensino de ciências e biologia? A escola vem cada vez mais adotando esses discursos, vem tornando- os práticas em seu cotidiano, seja na formação de seus professores ou na composição de seus currículos. Enredados por essa trama que conduz os alunos para uma pretensa normalidade, a escola é pressionada pelos mais diversos setores para atender os anormais: família, igreja, hospitais, leis e projetos políticos; essa roupagem da educação especial que a escola passa a vestir na medida em que entende a diferença, também a produz.

Enquanto profissionais do ensino de ciências também vamos desenhando a anormalidade, ao dar um status biológico a essas características que vem sendo definidas como anormais. Caracteres genéticos, biológicos, ambientais, justificativas biológicas sustentam esse discurso e essas receitas. Assim, o bom e velho discurso da ciência tem grande participação nisso tudo, usando ao seu favor os seus mais “certeiros” artefatos, como nos diz Machado (1978): as estatísticas, a qualidade de vida, a história... todos esses “dados” tem sido usados como justificativas para a construção desses manuais, e nós ensinamos essas lições em nossas aulas.

O que propomos para concluir esse ensaio é inventar outro show. Um show em que os anormais possam assumir suas próprias formas, serem verdadeiramente humanos, viverem suas próprias racionalidades e maneiras

de aprenderem e existirem dentro da escola. Aqui, propomos apenas outro olhar para esses materiais que nos cercam e que por muitas vezes emergem em nossas práticas cotidianas, mas não almejamos com isso que eles sejam extintos ou expulsos da escola, mas que ao problematizarmos algo já tão comum em nosso meio, possamos “interrogar a experiência que nos constituiu e constitui [...] exercitando a liberdade concreta de ensinar, escrever, pensar e viver em um questionamento constante” (CORAZZA, p.57, 1995).

Relativizando esses materiais, ousamos pensar outro show em que estejam jogadas ao ar todas as regulações identitárias e toda a corporificação dessa onda de saber. Talvez assim possamos nos enxergar despidos de todas essas capas que nos vestem e quem sabe, possamos olhar para esses sujeitos, para a vida e para como ensinamos ciências de uma forma diferente, livre e verdadeiramente VIVA.

Agradecimentos e Apoios

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento.

Referências

CORAZZA, S. M. Currículo e política cultural da avaliação. **Revista Educação e Realidade**, 1995.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.

LOCKMANN, K. As práticas de in/exclusão na escola e a redefinição do conhecimento escolar: implicações contemporâneas. **Educar em Revista**, Curitiba, 2014.

MACHADO, R. **Danação da norma**: a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.